

Algumas reflexões em torno das possibilidades de “contagem” no domínio das eventualidades

Luís Filipe Cunha

Centro de Linguística da Universidade do Porto *

1. Introdução

As (im)possibilidades de “contagem” de eventualidades colocam desafios muito interessantes a qualquer proposta de análise que vise descrever a estruturação temporal interna das diferentes classes aspectuais de predicções. Na realidade, o facto de uma dada situação poder comparecer numa estrutura de contabilização parece depender, em grande medida, de um conjunto complexo e diversificado de factores de ordem semântica que interagem dinamicamente entre si.

O objectivo central deste nosso trabalho será o de estabelecer e discutir as condições que licenciam leituras “contáveis” no domínio das eventualidades. Em particular, procuraremos investigar em que medida a oposição tético vs. atético se articula com a (im)possibilidade da co-ocorrência dos diferentes tipos de situações com expressões que, de alguma forma, remetem para a “contagem” de predicções, do género de “N vezes”. Observaremos que, embora desempenhe um papel crucial, a distinção em causa não se revelará suficiente para dar conta da totalidade dos padrões de distribuição das situações nos contextos que nos propomos analisar, tornando-se, por conseguinte, necessário encontrar outros factores linguísticos que ajudem a explicar tais comportamentos.

Nessa medida, propomo-nos tentar obter respostas satisfatórias para as seguintes questões:

Que classes de predicções podem integrar uma estrutura de “contagem” de situações e quais as que se encontram de todo impedidas de comparecer num tal contexto?

Que critérios linguísticos se encontram subjacentes à distinção em causa?

Existirá uma relação directa entre o “perfil” aspectual que caracteriza as diferentes classes de situações e as possibilidades de “contagem” observadas no domínio das eventualidades?

* Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003. Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa POCI 2010.

No sentido de responder adequadamente a estas questões, iremos analisar o comportamento dos diferentes tipos de eventualidades no contexto de estruturas de “contagem” de situações, procurando, com isso, apontar algumas hipóteses que nos permitam descrever os dados linguísticos com que seremos confrontados.

2. A contagem de situações

Autores como Bach (1986), Krifka (1989; 1992; 1998), Jackendoff (1996) ou Filip (2000a,b; 2004) desde há muito reconhecem a existência de uma relação muito próxima entre o domínio das expressões nominais e o das predicacões. De facto, como iremos ver mais adiante, é perfeitamente possível estabelecer uma correspondência estreita entre a estruturação interna subjacente aos nominais e a que nos permite caracterizar as eventualidades.

Tal como sucede com os nominais, certas predicacões podem facilmente integrar estruturas de “contagem”, enquanto outras parecem não poder comparecer nos referidos contextos. Comparem-se, a este respeito, os exemplos de (1) e (2), em que figuram expressões nominais, com os de (3) e (4), que contemplam eventualidades:

- (1) Três gnus.
- (2) * Três oxigénios.
- (3) O João atravessou a rua três vezes.
- (4) * O João foi alto três vezes.

Tal como sucede com a expressão nominal em (1), a situação descrita em (3) admite, sem quaisquer problemas, a presença de uma expressão quantificacional de “contagem”, contrastando, neste ponto, com a eventualidade de (4), que, à semelhança do nominal representado em (2), ocasiona anomalia semântica no referido contexto.

Será possível encontrar algum paralelismo, ao nível da estruturação interna ou das propriedades semânticas, entre as expressões nominais e as eventualidades que nos permita explicar, de uma forma unificada, o padrão de comportamentos que acabámos de observar? Ou, dito de uma outra forma, o que há de comum entre nominais e predicacões que, em alguns casos, possibilita a sua “contagem” e, noutros, a impede?

Ao longo das próximas secções deste trabalho procuraremos explorar algumas hipóteses com vista à determinação dos factores de ordem semântica que condicionam as (im)possibilidades de “contagem” de situações. Como veremos, a proximidade com o que se passa no domínio nominal é evidente, embora se torne indispensável estabelecer certas restrições adicionais relativas a propriedades aspectuais características das eventualidades envolvidas.

3. Quantização vs. cumulatividade

Como já referimos, a investigação dos paralelismos existentes entre expressões nominais e eventualidades tem interessado inúmeros linguistas (vejam-se, entre outros, Bach, 1986; Krifka, 1989; 1992; 1998; Jackendoff, 1996; Filip, 1996; 2000a,b; 2004).

Em termos muito gerais, estes autores sugerem que é possível reconhecer um número bastante significativo de semelhanças entre os indivíduos referidos pelas expressões nominais e as eventualidades descritas pelas predicções ao nível da sua estruturação interna. Em particular, defendem que nominais e situações partilham importantes propriedades no que diz respeito à sua mereologia, i.e. à relação que se estabelece entre o "todo" e as partes que o constituem.

Tanto os indivíduos quanto as situações podem ser caracterizados pela forma como as suas "partes" constitutivas se relacionam com o "todo" em que intervêm.

Assim, um nome massivo como "água" denota uma entidade cujas porções ou partes constitutivas (naturalmente até um certo limite) podem ser igualmente designadas como "água", ao contrário do que sucede com um nome contável como "cadeira", cujas partes constitutivas não podem ser de igual modo referidas como "cadeira".

Paralelamente, as partes que constituem uma situação atélica como "O João correr" podem ser referidas (pelo menos até um certo limite) igualmente por "O João correr", ao contrário do que acontece com as partes que integram uma situação télica como "O João correr a maratona", que, em princípio, não podem ser adequadamente descritas como eventualidades do mesmo tipo de "O João correr a maratona".

Ou seja, tanto os nomes massivos quanto as predicções atélicas são constituídos por "partes" que, de uma certa forma, podem ser encaradas como idênticas em relação ao "todo" em que se inscrevem, ao contrário do que sucede com os nomes contáveis e com as predicções télicas, cujas "partes" constitutivas diferem substancialmente do "todo" em que participam.

Autores como Krifka ou Filip reconhecem, por conseguinte, que a distinção que se estabelece entre referência massiva e contável, tradicionalmente associada aos nominais, pode ser facilmente estendida ao domínio das eventualidades, encontrando-se reflectida na oposição télico vs. atélico.

Nessa medida, propõem que as situações de natureza télica, i.e., que contemplam um ponto terminal intrínseco na sua estrutura temporal interna, se comportam como os nomes contáveis, contrastando com as predicções de cariz atélico que, tipicamente, se aproximam dos nomes massivos, na medida em que, por princípio, não se apresentam como entidades discretas.

No sentido de encontrar uma generalização para as observações que acabámos de efectuar, Krifka (1989; 1992) propõe a adopção dos conceitos de "quantização" e de "cumulatividade".

Estabelecendo propriedades comuns aos domínios nominal e situacional, estes dois conceitos permitiriam aproximar, de uma forma unificada, os comportamentos dos nomes e das predicções no que se refere à sua estruturação interna.

Krifka define, assim, os conceitos de "quantização" e de "cumulatividade" em relação a uma dada estrutura da seguinte forma: um qualquer predicado (seja nominal,

seja situacional) é considerado cumulativo sse, aplicando-se a uma entidade x e a uma entidade y , descreve igualmente a soma dessas duas entidades. Pelo contrário, um predicado é “quantizado” sse, aplicando-se a uma entidade x e a uma entidade y , não pode, no entanto, dar conta da soma das duas entidades em causa.

Por outro lado, um predicado cumulativo descreve adequadamente não só a entidade a que se aplica, como também as suas partes constitutivas (pelo menos até um certo limite). Um predicado “quantizado”, pelo contrário, nunca se aplica às partes da entidade que designa.

Os predicados “cumulativos” manifestam, pois, as propriedades da divisibilidade e da sumatividade, ao contrário do que sucede com os predicados “quantizados”.

Dado que a soma de duas porções de “água” dá igualmente origem a “água” e que as partes constitutivas de “água” são, tipicamente, também designadas como “água”, estamos perante um predicado “cumulativo”. O mesmo se pode afirmar em relação a uma situação como “o João correr”: se é verdade que “o João correu das dez às onze” e “o João correu das onze ao meio-dia”, i.e., a soma das duas situações de “o João correr” dá lugar a uma situação do mesmo tipo. Também as diversas partes constitutivas das referidas eventualidades podem ser, em princípio, adequadamente descritas por “o João correr”.

Já a soma de duas entidades referidas por “cadeira” ou por “o João correr a maratona” não poderá, em princípio, dar lugar a entidades de natureza idêntica. Também as partes constitutivas de “cadeira” ou de “o João correr a maratona” não podem ser adequadamente designadas pelos mesmos predicados, o que significa, tendo em conta os critérios propostos por Krifka, que estamos, de facto, perante expressões de natureza “quantizada”.

Na medida em que apenas os predicados “quantizados” dão conta de entidades discretas, só estes se encontram em condições de ser contados. Como veremos, porém, certos predicados “cumulativos” podem, em contextos apropriados, receber uma leitura “quantizada” e, nesse sentido, comparecer em estruturas de contagem.

Os predicados “quantizados” estão tipicamente associados a nomes contáveis, a expressões de alguma forma quantificadas e a eventos télicos (processos culminados e culminações). Os predicados “cumulativos”, por seu lado, são normalmente expressos por nomes massivos, meros plurais e situações atélicas (processos e estados).

Sob um certo ponto de vista, podemos dizer que a distinção “quantizado” vs. “cumulativo” corresponde, no que respeita ao domínio das eventualidades, à oposição tradicional entre situações homogêneas e não homogêneas, tal como foi proposta, por exemplo, em Vendler (1967).

Refira-se, de passagem, que a perspectiva unificada permitida pela adopção dos conceitos de “cumulatividade” e de “quantização” permitiu a Krifka formalizar as interacções existentes entre o predicado verbal e os argumentos nominais no interior de uma dada predicação através da noção de Tema Incremental e da relação de homomorfismo.¹

¹ Para uma discussão aprofundada das relações entre verbo e argumentos nominais na determinação do perfil temporal interno das eventualidades, vejam-se, entre outros, (Krifka, 1992; 1998; Dowty, 1991; Verkuyt, 1993 e Ramchand, 1997).

Como já observámos, apenas nomes contáveis e predicacões télicas admitem, à partida, a co-ocorrência com expressões de "contagem" (cf. (1)-(4)). No entanto, como também já fizemos notar, não é difícil encontrar contextos em que nomes tipicamente massivos recebem uma leitura "quantizada", podendo, assim, ser "contados". O mesmo parece suceder também no domínio das eventualidades, já que, reunidas as circunstâncias apropriadas, certas predicacões atélicas surgem, sem problemas, em combinação com formas que inequivocamente remetem para a "contagem" de situações. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (5) O João pediu três cafés e duas águas.
 (6) Na semana passada, a Maria jogou ténis três vezes.

Em (5), os nomes massivos referem quantidades especificadas e delimitadas de matéria, pelo que podem ser facilmente interpretados como contáveis. Paralelamente, em (6) a eventualidade atélica descrita por "A Maria jogar ténis" parece poder ser associada a um certo tipo de delimitação, i.e., estão a ser consideradas as ocasiões particulares em que um evento típico de "A Maria jogar ténis" ocorre, sendo-lhe atribuídos uma duração e um perfil temporal interno bem delimitados.

A questão que agora se nos coloca tem que ver com o facto de algumas situações de cariz atélico admitirem, sem levantar grandes problemas, uma reinterpretação deste género (cf. (6)), enquanto outras rejeitam liminarmente a co-ocorrência com expressões de "contagem" (cf. (4)). Por outro lado, como veremos, nem todas as eventualidades télicas podem ser "contadas". Importa, pois, investigar os factores de natureza linguística que condicionam os referidos padrões de ocorrência. Estarão as diferenças ao nível da classe aspectual na base destas divergências de comportamento? Será possível encontrar propriedades semânticas que as justifiquem?

Nas próximas secções deste trabalho procuraremos investigar mais de perto os mecanismos que regem as possibilidades de "contabilização" de eventualidades.

4. "Quantização", classes aspectuais e "contagem" de situações

Tal como Krifka nos sugere, para que uma dada situação possa ser "contada", esta terá forçosamente que ser (apresentada como) "quantizada" ou não "cumulativa".

Dado que, tradicionalmente, apenas os eventos de carácter atélico são concebidos como "quantizados", a "contagem" de situações estaria restringida às classes aspectuais dos processos culminados e das culminações. Comparem-se, a este respeito, (7) e (8) com (9) e (10):²

² Ao longo do texto recorrerei à construção *N vezes* como quantificador preferencial para a "contagem" de eventualidades. No entanto existem outras estruturas que, em certa medida, podem funcionar como formas equivalentes no que se refere à expressão deste conteúdo semântico. É o caso, por exemplo, de *por N vezes* ou de *em N ocasiões*. Agradeço a um avaliador anónimo a chamada de atenção para este facto.

- (7) O João fez o puzzle três vezes. (processo culminado)
- (8) A Maria caiu do cavalo três vezes. (culminação)
- (9) ??/* O João trabalhou três vezes. (processo)
- (10) * A Maria gostou de matemática três vezes. (estado)

No entanto, e tal como acontece no domínio das expressões nominais, é possível, e mesmo relativamente frequente, encontrar processos e certos estados em construções que remetem para a “contagem” de situações. Nestes casos, o seu perfil cumulativo básico parece ter sido de alguma forma comutado em “quantizado” graças à imposição, implícita ou explícita, de uma certa delimitação à estrutura temporal interna das eventualidades envolvidas. Observem-se os seguintes exemplos:

- (11) Ontem, na festa, a Maria dançou três vezes. (processo)
- (12) No plenário de terça-feira, o deputado falou três vezes. (processo)
- (13) Ao longo do ano passado, a Ana esteve doente três vezes. (estado)
- (14) No sábado, a Maria foi simpática com os colegas três vezes. (estado)

Sublinhe-se, ainda, que os pontos – situações que não podem, de forma alguma, ser consideradas de natureza télica – surgem muito frequentemente em configurações de “contagem”, como os exemplos (15) e (16) nos demonstram:³

- (15) O João espirrou três vezes. (ponto)
- (16) A gazela saltou três vezes. (ponto)

Por outro lado, confrontamo-nos com casos em que predicacões consideradas inequivocamente télicas parecem, no entanto, não admitir, por princípio, a presença de expressões de “contagem” de situações, tal como ilustrado nos seguintes exemplos:

- (17) * O João comeu esta maçã três vezes. (processo culminado)
- (18) * Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia três vezes. (processo culminado)
- (19) * A leoa matou o gnu três vezes. (culminação)
- (20) * Bell inventou o telefone três vezes. (culminação)

Tendo em conta todas as observações que acabámos de realizar, torna-se, em nosso entender, indispensável rever a correlação directa que foi estabelecida entre a telicidade e a possibilidade de “contagem” de situações. Com efeito, não só predicacões atélicas, como é o caso dos processos e dos estados em (11)-(14), podem, em condições adequadas, ser facilmente “contadas”, como também determinados eventos de carácter inegavelmente télico, como os representados em (17)-(20), parecem estar impedidos de participar em estruturas de “contagem” de situações, pelo que a relação causal directa entre telicidade e “contabilização” de eventualidades deverá ser posta em causa.

³ Para a caracterização da classe aspectual dos pontos bem como para a fundamentação que justifica a sua não inclusão na categoria das situações télicas, vejam-se, entre outros, Moens (1987), Smidh (1991), Cunha (2004).

ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DAS POSSIBILIDADES DE "CONTAGEM"

No sentido de encontrar pistas que nos conduzam a soluções satisfatórias para os problemas relativos à distribuição das expressões de "contagem" com os diferentes tipos de predicções, importa prestar um pouco de atenção ao comportamento manifestado pelas diversas classes aspectuais de situações no contexto em questão.

No que diz respeito a processos culminados e a culminações, verificamos que, em princípio, as predicções que realizam tais classes aspectuais podem ocorrer, sem problemas, com expressões de "contagem", sendo este o caso mais frequente (cf. (21)-(24)). No entanto, existem exemplos, como (25) e (26), que nos demonstram que nem todas as situações pertencentes às referidas categorias podem ser "contadas".

- (21) A Rosa Mota correu a maratona vinte vezes. (processo culminado)
- (22) O João leu o artigo dez vezes. (processo culminado)
- (23) A Maria desmaiou três vezes. (culminação)
- (24) O Paulo acendeu a luz três vezes. (culminação)
- (25) * O João comeu este bolo três vezes. (processo culminado)
- (26) * O gnu nasceu três vezes. (culminação)

Parece-nos importante sublinhar que os processos culminados e as culminações que rejeitam a presença de expressões de "contagem" de situações se encontram quase exclusivamente associados aos designados verbos de "criação" e de "destruição" que, tipicamente, estabelecem uma relação única de "incrementalidade" com os respectivos argumentos, o que, em última instância, conduz à irrepetibilidade das eventualidades em questão. Na verdade, se um dado objecto é inventado ou consumido incrementalmente, o evento que exprime uma tal relação não poderá ser repetido e, por consequência, também não poderá ser integrado numa estrutura de "contabilização".⁴

Em contexto "neuro", os processos e os estados, por seu lado, parecem não integrar com facilidade estruturas de "contagem" de situações, como os exemplos em (27)-(30) nos sugerem.

- (27) * O Jorge dormiu três vezes. (processo)
- (28) * O Manuel trabalhou três vezes. (processo)
- (29) * A Maria foi alta três vezes. (estado)
- (30) * A Rita gostou de matemática três vezes. (estado)

No entanto, parece ser suficiente a comparência de um localizador temporal que permita enquadrar um certo padrão de ocorrências de determinados processos e estados para possibilitar o licenciamento de leituras de "contagem" com este tipo de situações, como os exemplos em (31)-(34) nos comprovam:

⁴ A relação que se estabelece entre o verbo e os seus argumentos depende, em parte, de factores estritamente linguísticos (por exemplo, o tipo de verbo), mas também em parte de factores extralinguísticos. Comparem-se, a este respeito, (i) e (ii), em que a (im)possibilidade de contagem das situações está, em grande medida, dependente do nosso conhecimento do mundo.

(i) * O meu gato morreu três vezes.
(ii) O meu Tamagoshi morreu três vezes.

- (31) Nas férias, o João jogou ténis três vezes. (processo)
- (32) Durante os treinos, o Tiago Monteiro correu três vezes. (processo)
- (33) Ontem, estive na Faculdade três vezes. (estado)
- (34) Na semana passada, o meu cão foi agressivo três vezes. (estado)

Em frases como estas, os localizadores permitem estabelecer um enquadramento no interior do qual se torna possível reconhecer a ocorrência de porções temporalmente limitadas dos processos e estados envolvidos. Ou seja, para que venham a ser contados, os processos e os estados têm, primeiramente, de receber uma delimitação, explícita ou implícita, por forma a poderem ser encarados como entidades discretas.

Isto significa, em última instância, que apenas os estados de “estádio” e os estados de indivíduo “faseáveis” (i.e., aqueles que podem ser convertidos em processos) estão em condições de ser “contados”, na medida em que somente as subclasses de estativos em questão dão conta de porções temporalmente limitadas das entidades a que se aplicam. Os estados de indivíduo não “faseáveis”, atribuindo directamente as propriedades às entidades que predicam, não reúnem os pré-requisitos necessários para a co-ocorrência com expressões de “contagem”, na medida em que não suportam o tipo de delimitação requerido.

Os exemplos que apresentamos em seguida parecem confirmar uma tal predição:

- (35) No mês passado, a Rita esteve deprimida três vezes. (estado de “estádio”)
- (36) Durante o Inverno, o lobo esteve desaparecido três vezes. (estado de “estádio”)
- (37) Ontem, a Maria foi simpática com os colegas três vezes. (estado de indivíduo “faseável”)
- (38) Ontem, o meu cão foi agressivo com os vizinhos três vezes. (estado de indivíduo “faseável”)
- (39) * No mês passado, a Maria foi portuguesa três vezes. (estado de indivíduo “não faseável”)
- (40) * No mês passado, a mesa da sala foi redonda três vezes. (estado de indivíduo “não faseável”)

A completa incompatibilidade dos estados de indivíduo “não faseáveis” com as expressões de “contagem” de situações parece dever-se, pois, fundamentalmente ao facto de tais estativos se aplicarem directamente às entidades que predicam, não sendo, por conseguinte, exequível conferir-lhes, em circunstância alguma, uma determinada delimitação espaço-temporal que entra em conflito com o seu carácter “estável”.⁵

Por outro lado, para que processos e estados ocorram, sem levantar grandes problemas, em combinação com configurações de “contagem” de eventualidades, será indispensável que as suas porções temporalmente delimitadas venham a ser, de uma

⁵ Este facto permite-nos explicar, igualmente, as fortes restrições manifestadas pela referida subclasse de estativos face aos diferentes adverbais de localização temporal (cf. Cunha, 2004).

ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DAS POSSIBILIDADES DE “CONTAGEM”

forma ou de outra, identificáveis. Na verdade, frases como as apresentadas em (41) e (42) afiguram-se-nos algo anómalas, muito provavelmente devido ao facto de não ser nada fácil especificar, em concreto, os limites temporais para as situações em questão, mesmo na presença de adverbiais de localização. Ou seja, em casos como estes, os processos e os estados em questão parecem não poder ser convertidos em situações “quantizadas”, em princípio devido à impossibilidade de determinação de fronteiras bem reconhecíveis na sua estrutura.

- (41) # Ontem, o João caminhou três vezes. (processo)
(42) # No ano passado, a Ana gostou de linguística três vezes. (estado)

Finalmente, sublinhe-se que certos modificadores, para além dos adverbiais temporais, podem facilitar, em contextos adequados, a “contagem” de processos e de estados, como os exemplos seguintes nos comprovam:

- (43) O Jorge dormiu três vezes neste hotel.
(44) O carro esteve parado três vezes na auto-estrada.

Em casos como estes, ou é implicitamente estabelecido um intervalo de enquadramento que, por sua vez, facilita a atribuição de fronteiras às situações descritas, ou o localizador espacial funciona, ele mesmo, como uma espécie de “delimitador”, permitindo, assim, a individualização de cada uma das eventualidades envolvidas, condição que, como já referimos, é indispensável para que se torne possível a sua “contabilização”.

Seguindo a linha de análise que temos vindo a adoptar, não seria difícil encontrar uma explicação adequada para a possibilidade de “contagem” manifestada pela maioria dos pontos (cf. (45) e (46)): tratando-se de situações perspectivadas como “instantâneas”, o facto de ocuparem o simples momento de tempo em que ocorrem irá conferir-lhes, à partida, uma delimitação, por assim dizer, “intrínseca”.

- (45) O João tossiu três vezes. (ponto)
(46) A gazela saltou três vezes. (ponto)

Sintetizamos, em seguida, alguns dos resultados mais relevantes a que chegámos depois da análise do comportamento das diferentes classes aspectuais de predicções face às expressões que remetem para a “contagem” de eventualidades.

- Preferencialmente, existe uma relação próxima e bastante evidente entre telicidade e possibilidade de “contagem” de eventualidades.
- No entanto, a telicidade não é condição nem necessária nem suficiente para que uma dada predicção possa integrar uma estrutura de “contagem” de situações.
- Observámos que nem todos os eventos télicos podem ser contados: em particular, os processos culminados e as culminações têm de poder ser “repetíveis” para suportarem a “contabilização”.

- Estados e processos, por seu lado, podem integrar facilmente estruturas de “contagem” de eventualidades desde que se encontrem espaço-temporalmente bem delimitados.
- Apenas os estados de indivíduo “não faseáveis” parecem ser sistematicamente excluídos das configurações de “contagem” de situações, já que manifestam fortes restrições em termos de possibilidades de delimitação espaço-temporal.

Encontramo-nos, finalmente, em condições de rever e discutir os pressupostos fundamentais que subjazem à distribuição das expressões de “contagem” de situações face às diferentes classes aspectuais de predicacões, tendo em conta algumas das propriedades manifestadas pelo seu “perfil” temporal interno, nomeadamente a delimitação e a repetibilidade.

Iremos, pois, na próxima secção deste trabalho adiantar uma hipótese que se nos afigura mais adequada no sentido de dar conta dos diferentes tipos de co-ocorrências que acabámos de observar.

5. Uma proposta de reavaliação para o tratamento da “contagem” de situações

Dadas todas as observações efectuadas na secção anterior, seremos forçados a reconhecer que, embora desempenhe um papel de grande relevância no que respeita ao licenciamento da “contagem” de situações, a telicidade não explica, só por si, as restrições que condicionam a comparência das eventualidades no contexto em questão.

Importa, por conseguinte, determinar quais os condicionalismos semânticos que, de facto, regulam as (im)possibilidades de comparência dos diferentes tipos de situações nas configurações que remetem para a “contagem” de eventualidades.

Procuraremos, em seguida, levantar algumas hipóteses que se nos afiguram mais adequadas para solucionar a questão em apreço.

Em primeiro lugar, diremos que, para que uma situação possa integrar uma estrutura de “contagem”, ela terá de se apresentar como espaço-temporalmente bem delimitada.

A ideia de que é a delimitação das situações que favorece a sua integração em configurações de “contagem” permite explicar alguns dos comportamentos que tivemos oportunidade de discutir ao longo da secção anterior: assim, os processos culminados e as culminações, ostentando um ponto terminal intrínseco básico, são as eventualidades mais facilmente compatibilizáveis com as estruturas em questão. No entanto, processos e estados, quando aparecem em contextos em que estão implícita ou explicitamente bem estabelecidas e perfeitamente reconhecíveis as suas fronteiras espaço-temporais, podem igualmente ser “contados” sem quaisquer problemas. Os pontos, por seu lado, encontrando-se confinados ao instante em que decorrem, não colocam dificuldades à comparência das expressões de “contagem” de situações, na medida em que se assumem como eventos intrinsecamente delimitados.

Sob este ponto de vista, a aplicação de “fronteiras” ou “limites” (‘boundaries’) a eventualidades atéticas (i.e., estados e processos) permite encará-las como verdadeiros predicados “quantizados” de tipo derivado (cf. Depraetere, 1995; de Swart, 1998).

O facto de estados e processos integrarem mais facilmente as configurações de "contagem" no contexto de advérbios de localização temporal ou de outros modificadores que, de alguma forma, lhes impõem "fronteiras" pode, igualmente, ser invocado como mais um argumento em favor da hipótese que aqui estamos a defender. Na realidade, os advérbios em causa remetem inequivocamente para a delimitação das situações envolvidas, criando, dessa forma, as condições necessárias para que estas possam ser "contadas".

Finalmente, o facto de os estados de indivíduo "não faseáveis" manifestarem importantes restrições no que respeita às suas possibilidades de delimitação condiciona a sua interpretação nos contextos sob análise, explicando, em grande medida, a razão pela qual tais eventualidades não podem, em princípio, comparecer em estruturas de "contagem": dado que os referidos estativos se aplicam directamente aos indivíduos que predicam, as suas porções espaço-temporalmente limitadas não estão acessíveis para que uma interpretação "quantizada" possa ser obtida.

Para além da delimitação, um outro factor parece desempenhar um papel crucial na integração das situações em construções de "contagem". Trata-se da repetibilidade das eventualidades.

Se uma dada situação não pode ser iterada, i.e., ocorre uma única vez, então, naturalmente, está à partida impedida de comparecer em qualquer tipo de configuração de "contagem", independentemente de manifestar ou não delimitação ao nível do seu perfil temporal interno.

Este é o caso, por exemplo, dos processos culminados e das culminações que envolvem verbos de criação ou de destruição, na medida em que, como já referimos na secção anterior, a relação que se estabelece entre a eventualidade e o(s) argumento(s) que lhe estão incrementalmente associado(s) supõe forçosamente a ideia de unicidade. Na verdade, dadas as especificidades da relação predicativa em questão, podemos dizer que, a partir do momento em que uma maçã foi comida, ela não o pode voltar a ser de novo (vejam-se, a este respeito, as propostas de Krifka (1989; 1992; 1998)).

Apresentamos, em seguida, de uma forma sintética, a nossa hipótese para a resolução da questão do licenciamento de eventualidades em estruturas de "contagem":

- Uma situação pode comparecer numa estrutura de "contagem" sse (i) ostenta um perfil interno temporalmente bem delimitado e (ii) pode ser repetível.

Em suma, assumiremos que uma dada situação será considerada "quantizável", i.e., reunindo as condições necessárias e suficientes para comparecer em estruturas de "contagem", sempre que se encontra espaço-temporalmente bem delimitada e se revela repetível. Uma tal caracterização permite dar conta do facto de que não só a maior parte das predicções "quantizadas" de tipo básico, ou seja, dos processos culminados e das culminações, mas também as de natureza derivada, como certos processos e estados "confinados" ocorrem, sem quaisquer problemas, em configurações que remetem para a "contagem" de eventualidades.

6. Conclusão

Embora desempenhe um papel crucial no que se refere às (im)possibilidades de “contagem” de situações, verificámos que a telicidade não se revela uma propriedade nem necessária nem suficiente para dar conta do licenciamento das diferentes classes de eventualidades nas estruturas que aqui nos propusemos analisar.

Na realidade, e tal como sucede com as expressões nominais, são múltiplos e complexos os factores de ordem linguística que condicionam a “contabilização” das eventualidades.

Nessa medida, procurámos, ao longo do presente trabalho, delinear uma hipótese que desse conta, de forma adequada, das restrições combinatórias manifestadas pelas diferentes classes aspectuais de predicções no contexto de expressões, do tipo de “N vezes”, que remetem para a “contagem” de situações.

Concluimos, assim, que a delimitação espaço-temporal e a repetibilidade se constituem como factores de inegável relevância no que diz respeito ao licenciamento das eventualidades em estruturas de “contagem”.

Uma tal proposta de análise permite-nos fornecer uma explicação adequada para o facto de os estados de indivíduo “não faseáveis” serem sistematicamente rejeitados nas configurações em questão. Estamos, igualmente, em condições de reconhecer que não apenas predicções “quantizadas” de tipo básico, i.e., eventos télicos, mas também predicções “quantizadas” de cariz derivado, como certos processos e estativos cujas fronteiras espaço-temporais foram devidamente estabelecidas, podem ser facilmente “contados”. Finalmente, a hipótese aqui desenvolvida permite dar conta da exclusão de certos processos culminados e de culminações graças ao reconhecimento da sua irrepetibilidade.

Referências

- Bach, Emmon (1986) The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9, (1), pp. 5-16.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- De Swart, Henriëtte (1998) Aspect Shift and Coercion. *Natural Language and Linguistic Theory* 16 (2), pp. 347-385.
- Depraetere, Ilse (1995) On the Necessity of Distinguishing between (Un)Boundedness and (A)Telicity. *Linguistics and Philosophy* 18 (1), pp. 1-19.
- Dowty, David (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67 (3), pp. 547-619.
- Filip, Hana (1996) Boundedness in Temporal and Spatial Domains. In E. H. Casad (ed.) *Cognitive Linguistics Research – Cognitive Linguistics in the Redwoods, the Expansion of a New Paradigm in Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 665-692.
- Filip, Hana (2000a) Nominal and Verbal Semantic Structure: Analogies and Interactions. In N. Gisborne (ed.) *A special issue of Language Sciences* 23: Elsevier Science, pp. 453-501.

- Filip, Hana (2000b) The Quantization Puzzle. In J. Pustejovsky e C. Tenny (eds.) *Events as Grammatical Objects, from the Combined Perspectives of Lexical Semantics, Logical Semantics and Syntax*. Stanford: CSLI Publications, pp. 3-60.
- Filip, Hana (2004) The Telicity Parameter Revisited. In *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory XIV*. Ithaca, NY: Cornell University Press, pp. 92-109.
- Jackendoff, Ray (1996) The Proper Treatment of Measuring out, Telicity, and Perhaps even Quantification in English. *Natural Language and Linguistic Theory* 14 (2), pp. 305-354.
- Krifka, Manfred (1989) Nominal Reference, Temporal Constitution, and Quantification in Event Semantics. In R. Bartsch, J. van Benthem e P. van Boas (eds.) *Semantics and Contextual Expression*. Dordrecht: Foris Publication, pp. 75-115.
- Krifka, Manfred (1992) Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In Ivan Sag e Anna Szabolcsi (eds.) *Lexical Matters*. Stanford: CSLI Publications, pp. 29-53.
- Krifka, Manfred (1998) The Origins of Telicity. In S. Rothstein (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 197-235.
- Ramchand, G. C. (1997) *Aspect and Predication: the Semantics of Argument Structure*. Oxford: Clarendon Press.
- Vendler, Zeno (1967) *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.
- Verkuyl, Henk (1993) *A Theory of Aspectuality, the Interaction Between Temporal and Atemporal Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.